

Geografias Interseccionais da Comunicação: Os Mapas de Relevo como Método de Análise em uma Universidade de Fronteira¹

Milene LOURENÇO²

Universidade de São Paulo, São Paulo – SP

Resumo

O presente artigo tem como objetivo apresentar os Relief Maps (Mapas de Relevo) como uma estratégia metodológica para a análise interseccional da comunicação organizacional. A partir de um estudo de caso na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), investiga-se como as interações comunicacionais são estruturadas de forma desigual dependendo do corpo que fala e do espaço onde a fala ocorre. Contrapondo as experiências de uma pesquisadora negra e de um pesquisador branco, o estudo demonstra que a comunicação não opera em um vácuo neutro, mas territorializa-se em geografias emocionais que produzem zonas de conforto simbólico e zonas de vulnerabilidade discursiva. Conclui-se que o espaço institucional atua como agente ativo na legitimação ou no silenciamento de vozes, exigindo uma leitura interseccional das dinâmicas organizacionais.

Palavras-chave: Comunicação organizacional; interseccionalidade; mapas de relevo; decolonialidade; silenciamento.

Introdução

A comunicação no contexto das organizações tem sido historicamente compreendida ora como instrumento técnico de difusão de informações, ora como processo de construção de sentidos (Oliveira, 2009). Contudo, a partir de uma perspectiva crítica, as interações comunicativas configuram-se como arenas de disputa simbólica nas quais se definem quem tem o direito de falar e quem é sistematicamente invisibilizado (Mumby, 2010; Deetz, 2001). A Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), caracterizada por seu projeto político-pedagógico de integração regional e intensa diversidade de nacionalidades e trajetórias, emerge como um laboratório singular para a observação dessas dinâmicas.

Nesse contexto, apesar de o discurso institucional da universidade celebrar a interculturalidade, o cotidiano acadêmico revela que as práticas de comunicação operam

¹ Trabalho apresentado no GP6: Comunicação Intercultural, Interseccionalidade e Governança, atividade integrante do XX Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas.

² Doutoranda em Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo. milene.rpp@gmail.com.

frequentemente sob a lógica da “interseccionalidade ornamental”, na qual a diversidade é exibida esteticamente, mas o poder decisório permanece hierarquizado (Bilge, 2019).

Para analisar essa complexidade, este artigo mobiliza os Relief Maps (Mapas de Relevo), propostos por Rodó-Zárate (2021), como ferramenta metodológica de visualização interseccional. A premissa central é de que os lugares institucionais não são cenários neutros, mas dimensões constitutivas que modulam o bem-estar e o mal-estar dos sujeitos (Rodó-Zárate, 2021).

Com o propósito de evidenciar como o privilégio e a vulnerabilidade se espacializam na universidade, este estudo apresenta e contrasta o mapeamento interseccional das vivências de uma mulher negra e de um homem branco na instituição. Assim, este artigo tem como objetivo apresentar os Relief Maps como uma estratégia metodológica para a análise interseccional da comunicação organizacional.

Referencial Teórico-Metodológico

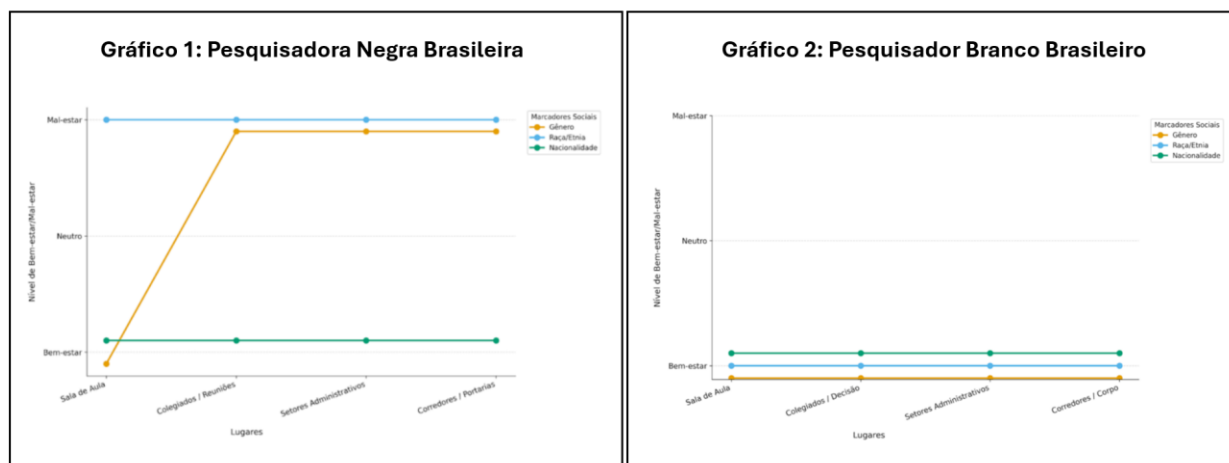
A comunicação organizacional configura-se como um processo constitutivo, relacional e perpassado por relações de poder (Deetz, 2001). Para apreender essas assimetrias, este estudo mobiliza a interseccionalidade como teoria social crítica, compreendendo que a opressão não opera por marcadores isolados, mas pela coprodução entre gênero, raça e nacionalidade (Collins, 2022). Tal abordagem é articulada ao pensamento decolonial, evidenciando que a colonialidade do poder e do gênero seguem organizando os regimes de autoridade (Lugones, 2014; Quijano, 2005).

Do ponto de vista metodológico, trata-se de um estudo qualitativo orientado pela Hermenêutica de Profundidade proposta por Thompson (2011), que incorpora os Relief Maps, desenvolvidos por Rodó-Zárate (2021), como ferramenta analítica na etapa interpretativa da pesquisa. O material empírico que fundamenta a construção dos mapas foi produzido por meio de entrevistas individuais em profundidade realizadas com 12 mulheres pesquisadoras da universidade e 3 homens pesquisadores da universidade. As narrativas produzidas nas entrevistas foram analisadas a partir dos eixos interseccionais de gênero, raça e nacionalidade, bem como dos lugares institucionais mencionados pelas participantes e pelos participantes.

Essa ferramenta pressupõe que o espaço é uma dimensão constitutiva das dinâmicas interseccionais. Os mapas articulam três dimensões: a social (os eixos de desigualdade), a geográfica (os lugares da vida cotidiana) e a psicológica (as emoções, medidas em um contínuo entre o mal-estar e o bem-estar), permitindo visualizar a geografia emocional da organização.

A partir dessa abordagem, os Relief Maps permitem visualizar como diferentes marcadores sociais produzem experiências institucionais distintas. Para demonstrar como essas desigualdades comunicacionais se territorializam no espaço acadêmico, a Figura 1 apresenta o contraste entre dois Relief Maps elaborados a partir das entrevistas em profundidade, selecionando dois casos contrastivos do corpus empírico, uma pesquisadora negra brasileira e um pesquisador branco brasileiro, para evidenciar como diferentes marcadores sociais produzem geografias emocionais distintas no interior da organização.

Figura 1 – Mapas de relevo interseccionais comparativos: pesquisadora negra e pesquisador branco na UNILA



Fonte: Elaboração própria com base na metodologia dos Relief Maps

A visualização evidencia que, embora ambos os sujeitos ocupem posições docentes na mesma instituição, suas experiências institucionais são profundamente distintas. Enquanto o pesquisador branco apresenta estabilidade emocional e reconhecimento institucional em praticamente todos os espaços analisados, a pesquisadora negra experimenta oscilações significativas de bem-estar e mal-estar,

sobretudo em ambientes decisórios, revelando a dimensão espacial das desigualdades comunicacionais.

O mapa interseccional do pesquisador branco apresenta o contexto mais estável e os maiores níveis de bem-estar mapeados na instituição. Em praticamente todos os espaços da organização, como corredores, salas de aula, colegiados e setores administrativos, sua presença é presumida como legítima e sua autoridade é reconhecida de antemão. Para esse sujeito, os espaços de decisão configuram-se como lugares de negociação política, mas nunca como espaços de ameaça subjetiva ou deslegitimação. O gênero masculino e a branquitude operam, assim, como uma espécie de blindagem que naturaliza sua autoridade comunicacional.

Em contraste radical, o mapa da mulher negra revela uma geografia afetiva marcada por fraturas permanentes e um padrão de mal-estar estrutural. Os colegiados e espaços de decisão, que para o homem branco são neutros, emergem para a pesquisadora negra como lugares de opressão aguda. Nesses ambientes, a assimetria se converte em violência simbólica, exigindo que ela prove continuamente sua competência com dados para ser escutada, enquanto enfrenta interrupções e o questionamento de sua legitimidade.

4 Considerações finais

A aplicação dos *Relief Maps* no contexto da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) demonstra que a comunicação organizacional não ocorre em um plano abstrato e neutro, mas territorializa-se em espaços físicos e simbólicos que oprimem ou acolhem de modo estruturalmente desigual. O contraste entre as geografias emocionais do pesquisador branco e da pesquisadora negra evidencia que o privilégio institucional e a legitimidade discursiva são atravessados de forma profunda pela colonialidade do poder e do gênero.

Do ponto de vista teórico-metodológico, a pesquisa contribui para os estudos de comunicação organizacional ao demonstrar o potencial dos *Relief Maps* como ferramenta analítica capaz de evidenciar a dimensão espacial, emocional e interseccional das dinâmicas comunicacionais nas organizações. Enquanto para o homem branco a organização é experimentada predominantemente como um espaço de

fluidez, estabilidade e bem-estar estrutural, no qual sua autoridade é presumida, para a mulher negra os espaços de decisão e de circulação configuram-se como zonas de tensão, vigilância e violência simbólica, exigindo um contínuo e exaustivo esforço de validação epistêmica para que sua voz seja ouvida.

Conclui-se, portanto, que, ao mapear as zonas de vulnerabilidade e de conforto simbólico, a área ganha ferramentas concretas para diagnosticar as violências silenciadas na rotina das instituições. Reconhecer essas geografias interseccionais é o primeiro passo para que as organizações saiam da lógica da "interseccionalidade ornamental" e caminhem em direção a práticas comunicacionais genuinamente dialógicas, equitativas e comprometidas com a justiça social.

Referências

- BILGE, S. Interseccionalidade Desfeita: salvando a interseccionalidade dos estudos feministas sobre interseccionalidade. **Revista Feminismos**, v. 6, n. 3, 2019.
- COLLINS, P. H. **Bem mais que ideias**: a interseccionalidade como teoria social crítica. São Paulo: Boitempo Editorial, 2022.
- DEETZ, S. Conceptual foundations. In: JABLIN, F. M.; PUTNAM, L. L. (ed.). **The new handbook of organizational communication**: advances in theory, research and methods. Thousand Oaks: Sage Publications, 2001.
- GONZALEZ, L. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano**: Ensaios, Intervenções e Diálogos. Rio Janeiro: Zahar, 2020.
- LUGONES, M. Colonialidade e gênero. **Tábula Rasa**, n. 9, p. 73-101, 2014.
- MUMBY, D. K. Reflexões críticas sobre comunicação e humanização nas organizações. In: KUNSCH, M. M. K. (org.). **A comunicação como fator de humanização das organizações**. 1. ed. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2010. p. 19-40.
- OLIVEIRA, I. de L. Objetos de estudo da comunicação organizacional e das relações públicas: um quadro conceitual. **Organicom**, v. 6, n. 10-11, p. 57-63, 2009.
- RODÓ-ZÁRATE, M. **Interseccionalidad**: espacios y emociones. Barcelona: Bellaterra Edicions, 2021.
- THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 2011.